

NEM MANIFESTO, NEM ECOLÓGICO!

Por Nívea Eliane **FARAH**¹

PRATA, Antonio. *Estive Pensando*. São Paulo: Marco Zero, 2003.

O objetivo desta resenha é reinterpretar os sentidos da crônica “Manifesto Ecológico”, de Antonio Prata, por meio de uma abordagem entre léxico e cultura, analisar o funcionamento sócio-simbólico e o simbólico, organizado por segmentos textuais, na narrativa do autor e recontextualizar os conhecimentos sócio-históricos. Para esse percurso de construção dos sujeitos, de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente situadas, são utilizados os sentidos trazidos pelo dicionário *online* Houaiss, bem como os modelos de interação, o papel de quem fala/escreve e de quem ouve/lê, para reinterpretar os fatos presentes na crônica. O enunciador-escritor Antonio Prata faz uma composição textual discursiva que se deixa representar subjetivamente e o enunciatário-leitor pode fazer a análise léxico-textual na dimensão da cultura, na qual o texto se insere, e assim, captar os sentidos do texto.

Antonio Prata escreveu crônicas para a revista **Capricho** entre 2001 e 2008. Em 2012, foi incluído na edição brasileira da revista **Granta** como um dos vinte melhores escritores nacionais com menos de 40 anos, é filho dos também escritores Mário Prata e Marta Góes. Ele publica o texto “Manifesto Ecológico”, na Revista **Capricho**, e lança-o depois, em 2003, no livro “Estive pensando”. Suas crônicas são consideradas profundas e, ao mesmo tempo, engraçadas, ele cativou toda uma geração de fãs adolescentes.

Ao ler “Manifesto Ecológico”, o leitor é levado a refletir sobre qual modelo de interação é proposto na crônica? Sobre o que o texto fala, topicaliza? A que conceitos, concepções o texto se refere? Do ponto de vista da dimensão cultural, para onde o título

¹ Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: nivea10@uol.com.br

aponta? Segundo o dicionário *online* Houaiss, a palavra “manifesto”, em uma das acepções, significa “declaração pública e solene” em que alguém “expõe determinada decisão, posição ou concepção”, e “ecológico” é “estudo das relações recíprocas entre homem e seu meio moral, social, econômico”. A questão é que o texto trata do modismo da colocação de silicones para fins estéticos. Essa é a referência temática: o peito feminino. Há uma ruptura entre título e texto, então o autor, ao produzir o texto, queria dialogar com que tipo de leitor?

O enunciador, ao fazer um “apelo”, ou seja, “chamamento, convocação, invocação”, dirige-se ao enunciatário como sendo de uma instância superior, o que pode ser confirmado em “imploro de joelhos”, pois implorar refere-se a rogar, suplicar e isso leva ao campo da prece. Isto também se confirma quando ele diz “humildemente” e “pelo amor de Deus”. Ao mesmo tempo em que se tem o universo religioso, tem-se também o universo político e propagandístico em “manifesto”, “lanço assim uma campanha”, “mundo dominado”. Ainda, ao analisar os termos “ecológico”, “diversidade”, “biodiversidade”, “ONGs”, percebe-se que remetem ao universo do meio ambiente. O que se amplia, ao longo da crônica, em “espécies”, “ativistas” e “não extinção”.

A questão é que o autor não parece querer falar nem de religião, nem de ecologia, mas sim de cultura. O leitor entende e colabora, ao reconhecer na expressão “modismo cretino e simplista”, a real intenção crítica em relação a uma mania cultural feminina de buscar a ampliação dos seios, de forma antinatural, colocando silicones. Nesse momento, percebe o “manifesto ecológico”. O leitor, por meio do conhecimento prévio, reconhece o estilo do autor e já pode aí confirmar as reais intenções e ironias propostas nessa enunciação. Ao se dirigir às leitoras mulheres, que podem estar propensas a aderir ao modismo, o faz tentando uma aproximação como se vê em “cara leitora”, “minhas caras”, expressões, aliás, repetidas, três vezes, ao longo do texto. Ao construir a argumentação, afirma que “a vida é bela”, “somente por causa da diversidade”, ou seja, se todas as mulheres colocarem silicones, elas deixarão de ter essa beleza natural.

Ironicamente, mostra o empenho dos ativistas para salvar as espécies, os prédios antigos, então, ele se coloca como um ativista que oferece o texto para evitar que as mulheres todas fiquem iguais, com peitos de silicone. Chama essa cultura de biruta, retoma o campo religioso em “estão enfiando borracha, onde deveria haver só carne, deliciosa e pecaminosa carne” e finaliza seu manifesto com o campo da ecologia “Basta! Pela diversidade, pela não extinção. Abaixo o silicone!”.

O enunciador se coloca como humilde, mas, na verdade, acredita ser forte o suficiente no seu poder de argumentação. O enunciatário é apresentado como alguém próximo, íntimo, amigo, mas de uma instância superior. O enunciador quer implorar, mas se o enunciatário não acatar a súplica, será visto como pertencente a um modismo cretino e simplista, que é um papel que ninguém quer, conscientemente, assumir. Colocar silicone tem sido um bem de consumo, desejado por muitas mulheres, isto reflete uma concepção de cultura. Nesse sentido, Antonio Prata faz da crônica um manifesto, um ato político, uma campanha ecológica, quase um ritual religioso, na esperança de modificar esta cultura de massas, em que ter mais peito significa ser uma mulher melhor. Constrói um texto profundamente ideológico, mas com ironia, humor e leveza.

Ao produzir o texto, questiona ideologicamente o valor cultural do uso de silicones nos peitos femininos e, como autor, e homem, passa a tecer inúmeras vantagens de as leitoras, e, provavelmente, mulheres, manterem o corpo tal qual ele é, naturalmente, sem se renderem ao modelo situacional de consumo imposto. Ele propõe reflexão, mas, ao fazê-la, prefere a leveza do humor, que se torna arma argumentativa, ao produzir essa enunciação. O autor pressupõe um modelo de interação nessa crônica de que encontrará um leitor passivo, compreensivo e que acatará a proposta. A referência “preservação da natureza múltipla e variada dos seios femininos” é topicalizada do início ao fim. O modelo situacional da cirurgia plástica, estética, consumista, corroborada pela mídia, tem se intensificado cada vez mais no século XXI e é desse contexto que ele parte para a construção de sua crônica.

O *Tu*, interlocutor-enunciatário, embora não tenha voz, é possível pressupor como ele pode se posicionar em relação ao assunto colocado em pauta. Pelos registros do texto, ela é leitora, mulher, adepta de silicone e que se rende a um modismo que diz que “mais = melhor”. Essa mulher é artificial no plano físico e no campo das atitudes, é consumista e pouco reflexiva, já que se rende a uma cultura. O *Eu*, interlocutor-enunciador, é o que tem a voz no texto; por sua vez, é homem, gosta de peitos femininos, é contra o silicone. Apresenta o receio de todos os peitos perderem a variedade e de ficarem todos iguais. É reflexivo, bom de argumentação e propõe convencer as mulheres a serem mais naturais.

A cena da enunciação se dá entre alguém que acha que pode convencer o outro de algo. Para fazer isso, inicia como sendo amigo, próximo, contudo, ao impor sua lógica e suas preferências, desfaz o caráter intimista e passa a usar o poder persuasivo. Parte de uma posição aparentemente inferior, entretanto, com o decorrer, vai se mostrando mais poderoso e

se colocando numa posição de superioridade. Interessante que talvez a cena só tivesse efeito para uma mulher com dúvida: colocar ou não o silicone. Para as adeptas e consumidoras de silicone, o ato de nada adiantaria. Para as que necessariamente já são contra, restaria o humor e diversão.

Antonio Prata, nos papéis de homem, filho, pai, escritor profissional e cronista, constrói o cenário do texto que remete à época desse modismo de colocar silicone para fins estéticos que poderia se intitular “tempo das siliconadas”, surgido há mais ou menos 50 anos. A cirurgia para o aumento dos seios é a segunda mais popular, foi popularizada por inúmeras modelos e atrizes até se tornar a cirurgia da moda, ultrapassando a lipoaspiração. O espaço da cena é o Brasil, o que pode ser confirmado pelas referências ao Corinthians, Flamengo e Bahia e o tempo é o do século XX para o XXI, pois foi, nos últimos 20 anos, que a referência silicone passou a ser objeto de consumo para fins estéticos.

Ser siliconada em oposição a não ser siliconada, eis o *frame* proposto. O papel social do autor do texto se dá como produtor de crônica, um gênero narrativo, que constrói um enunciador, capaz de interagir com o interlocutor e se colocar ainda no papel daquele que irá argumentar pelo viés da cultura e da ideologia, para atingir o enunciatário. No exercício da profissão de escritor, Antonio Prata cumpre esse papel enunciador que se imbuí da tarefa de convencer o enunciatário, mulher, jovem, leitora da Revista **Capricho** a não se deixar levar pela cultura popular de valorização do consumo de silicone, para fins estéticos e de artificializar os peitos femininos. Ele projeta o perfil alienante dessa leitora, jovem e contemporânea e tenta interagir com ela. Coloca-se no papel de pedinte e impotente, visto que sabe que não tem poder de decidir por elas pela não colocação dos silicones. O texto todo usa do recurso da ironia para compor a argumentação, afinal, colocar silicones deveria ser uma opção pessoal e não cultural e levada por um modismo. Enfim, percebe-se o típico embate entre o bem comum (campo da cultura) *versus* o bem de alguns (campo da ideologia).

Ao projetar o seu leitor, escolhe o tipo de texto que vai marcar esse perfil alienante e cria o caráter teatral, dramatizado para se colocar no papel de pedinte. Esse recurso da ironia funciona para a construção do caráter argumentativo e propõe uma ruptura com um aspecto da vida cotidiana, pelo ponto de vista crítico-reflexivo, produz não apenas um relato, mas uma narrativa histórica. Dramatiza para propor soluções de transformação, nesse fato sócio-histórico-cultural, e busca construir uma consciência de identidade. Projeta, assim, um novo

mundo, possível sem silicone e propõe que as leitoras pensem os sentidos atribuídos ao corpo, para além deste terreno volátil da beleza e da forma física.

Por fim, essa análise tenta demonstrar que os discursos se inserem em um processo mais amplo, que possui relação com outros discursos realizados, imaginados ou possíveis e que as palavras e os enunciados não possuem sentidos neles mesmos, o sentido é atribuído ou utilizado de acordo com o sujeito que fala, com o contexto da fala, com a sua situação e com a posição que ocupa diante dos valores aceitos socialmente, isto é, os discursos são sempre determinados socialmente.

Essa leitura analítica forneceu algumas representações, mas outras poderão ser constituídas por outros leitores. Novos percursos poderão desmembrar outros caminhos, uma vez que cada um produz sentidos, por meio de apropriações simbólicas, filtradas pelo seu próprio repertório cultural. Cabe, então, ao leitor, a reconstrução social de sentidos e valores, inseridos nessa trama discursiva, que está além do sujeito que fala.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267